

Centro Ruth Cardoso

Ciclo Juventudes

Comitê Sociabilidades

Desinformação nas redes sociais

*A partir de um processo de redesenho de seus propósitos e linhas de ação, o Centro Ruth Cardoso (CRC), abarcado pela Fundação Fernando Henrique Cardoso, passa a investir na consolidação de seu papel como um polo de geração e disseminação de conhecimento. Para tal, o CRC reuniu pessoas atuantes na academia, em movimentos sociais e nas diferentes linguagens artísticas para pensar temas contemporâneos, produzindo materiais que sistematizam e compartilham as análises e reflexões geradas nesses encontros. A temática a ser explorada no primeiro ciclo é **Juventudes**, dividida em três vertentes: atuação política, construção de identidade e sociabilidades.*

*Este documento registra e organiza o conteúdo principal do debate **Desinformação nas redes sociais**, realizado em 29 de julho de 2021, no âmbito do **Comitê Sociabilidades**.*

CONVIDADOS

- **LETÍCIA CESARINO**: é professora e pesquisadora no Departamento de Antropologia e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Estuda as interseções recentes entre tecnologias cibernéticas, política populista e pós-verdade;
- **FRANCISCO BRITO CRUZ** (mediação): é diretor do InternetLab e membro da Comissão Especial de Direito Eleitoral da seccional de São Paulo da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Fundou e coordenou o Núcleo de Direito, Internet e Sociedade da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP). É membro da Rede de Parceiros do CRC.

QUESTÕES PARA REFLEXÃO

- Como a política tem sido praticada a partir das redes sociais? Quais desafios esses espaços colocam para nossa forma de fazer política?
- De que maneira a relação das pessoas com o sistema de peritos – ciência, universidade, jornalismo profissional – tem sido transformada a partir das redes sociais?
- O que deve ser considerado para que as pessoas treinem o olhar sobre as relações entre informação, discussão política e redes sociais?

- Quais elementos o bolsonarismo, as teorias da conspiração e o tratamento precoce da COVID-19 têm em comum?
- Como as forças democráticas podem atuar em ambientes digitais dominados pela extrema-direita? Em que medida essas forças estariam “perdendo a batalha” e a capacidade de propor uma agenda positiva?
- Quais os caminhos para que escolas e professores lidem com a desinformação nas redes sociais e respondam à “competição” representada pelos influenciadores digitais, a quem as juventudes têm se voltado em busca de referência?
- Fenômenos que lançam mão da desinformação parecem não ter compromisso com o conceito de memória – o que foi dito ontem já não vale e o que será dito amanhã não precisa guardar coerência com as falas de hoje. Essa estratégia não tende a se esgotar, no sentido de que no médio prazo o público começa a perceber as incoerências no discurso?
- O que tem sido feito pelo jornalismo profissional para combater a disseminação de *fake news*? Há outras abordagens que a imprensa deveria considerar, para além da checagem de fatos?
- De que maneira as instâncias formativas podem orientar os jovens para um uso positivo da Internet e mesmo adotá-la como uma ferramenta didática, seja na educação formal, seja na formação para o mercado de trabalho?
- Qual é o conceito de desinformação? Há uma definição estabelecida?

DEBATE

UM OLHAR ACADÊMICO SOBRE A INTERNET: COMO E POR QUE ESTUDAR ESSE ASSUNTO?

- Antropologia da Ciência, ou Antropologia da Ciência e da Técnica, busca encontrar um caminho entre dois extremos:
 - De um lado, determinismo tecnológico: ideia de que as infraestruturas técnicas ou as tecnologias de mídia como a Internet causam ou determinam fenômenos sociais;
 - De outro lado, determinismo sociológico: ideia de que a Internet e as tecnologias são apenas um meio neutro, residindo toda a determinação no social, ou seja, no modo como as pessoas as utilizam;
 - Antropologia da Ciência e áreas afins adotam uma perspectiva não determinística, capaz de observar a coemergência da tecnologia com o social a partir das diversas dimensões afetadas.
- Antropologia Digital: deriva do entendimento da antropologia enquanto o estudo integral do humano, o que inclui aspectos da materialidade técnica e da biologia, como as questões cognitivas;

- Ideia enviesada de que o estudo da Internet seria uma espécie de “antropologia de gabinete”, em razão do trabalho de campo atrelado à pesquisa *on-line*.
- Centralidade de estudar a Internet: quais são as consequências no longo prazo dessa infraestrutura técnica tão extensiva e intensiva no nosso cotidiano, em especial para os jovens da geração Z em diante?
 - É preciso dar um salto de qualidade no debate, para além da constatação de que as redes sociais facilitaram a produção e o alcance das *fake news*;
 - Internet é tão mediada quanto o sistema anterior: uma vez que as novas mediações são mais invisíveis, não há uma consciência tão clara sobre seus modos de operar;
 - “Cada um tem uma Internet”: modelo atual baseado na algoritmização cria experiências *on-line* personalizadas – na prática, isso significa que a mesma pesquisa no Google retorna uma lista de resultados mais ou menos diferente para cada usuário;
 - Conteúdo oferecido na Internet plataformizada é “supostamente gratuito”: se não pagamos em dinheiro, pagamos com nossos dados e tempo de tela;
 - Nada se cria: importante ter clareza de que nenhuma tecnologia é capaz de gerar algo novo, mas sim introduzir vieses que valorizam determinados aspectos existentes em detrimento de outros.

“O viés de confirmação tem a ver com isso: o que chega para você a partir do ambiente confirma o viés que você já tinha. Isso é algo da cognição humana, como mostra a psicologia da Gestalt, por exemplo. O nosso cérebro tende a fechar a percepção de acordo com as experiências anteriores que tivemos. Só que você coloca em cima disso um ambiente técnico feito para funcionar assim, porque a lógica da plataformização é você criar essa segmentação, essa personalização. A hipótese é que você está acirrando essas tendências, e o usuário fica numa situação paradoxal: ao mesmo tempo que ele se sente superempoderado – ‘Eu bloqueio quem eu quiser, eu sigo quem eu quiser, eu estou livre na Internet para fazer o que eu quiser, não preciso nem pagar’ –, quando se leva em conta o sistema como um todo, ele está numa posição extremamente vulnerável. É um ambiente para a agência de outro sistema cibernético, que é tudo isso que está atrás da tela, que nós não vemos e que traz essa realidade para nós. Mas estamos em um estado de alienação técnica muito grande, há uma enorme opacidade desses sistemas.” – LETÍCIA CESARINO

- Como o meio acadêmico entende a desinformação?
 - Diversos conceitos de desinformação foram elaborados pela academia a partir de perspectivas distintas. Em termos gerais, há três aspectos definidores: (i) o conteúdo é comprovadamente falso; (ii) o conteúdo causa algum tipo de dano individual ou coletivo; e (iii) a produção ou a disseminação do conteúdo tem a intenção deliberada de enganar;

- No campo jurídico, a definição de desinformação é especialmente crítica: parâmetros estabelecidos pelos marcos regulatórios guiam a forma como o Estado e as próprias plataformas incidem sobre os conteúdos – o que pode abrir margem para a censura;
- *Modus operandi* da desinformação: entendimento comum de que haveria uma coordenação centralizada e piramidal na disseminação de *fake news* não se confirma em pesquisas empíricas.

"A noção de uma comunicação coordenada por um centro no WhatsApp, como se existisse uma pirâmide de disseminação, não corresponde às evidências coletadas a respeito do comportamento das pessoas nesse aplicativo e de como é a arquitetura dele. Para quem observa essas evidências, o que aparece muito mais é uma lógica de disseminação policêntrica, que se aproveita de múltiplos centros de produção de conteúdo e de um ativismo mais autoral que, é claro, têm um sentido comum, mas não necessariamente uma coordenação comum, no sentido de um ligar para o outro e dizer: 'Eu sou o chefe, é assim que vai acontecer'. Esse diagnóstico é importante porque ele determina a característica da resposta a ser feita, em especial quando lidamos com um tipo de propaganda ou de conteúdo que deve ser combatido também pelo Estado." – FRANCISCO BRITO CRUZ

LIÇÕES APRENDIDAS: BOLSONARISMO, TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E TRATAMENTO PRECOCE DA COVID-19

- Ainda que distintos, os três fenômenos apresentam pontos de contato que muito nos ensinam sobre Internet, redes sociais e os mecanismos da desinformação:
 - Fenômenos digitalmente eficazes: nasceram, cresceram e se espalharam via mediações digitais, o que permite extrair deles as dimensões e os aspectos próprios dessa infraestrutura técnica;
 - Desintermediação: fenômenos trabalham por fora das infraestruturas convencionais do mundo pré-digital. Exemplo: defensores do tratamento precoce se consideram cientistas, mas atuam na margem dos procedimentos da ciência;
 - Desintermediação temporal: fenômenos afetam a própria noção de tempo real – uma vez recebido no WhatsApp, vídeo ou relato se torna fato consumado;
 - Mistura de categorias e esferas sociais: limites antes mais fixos, como público x privado, têm suas fronteiras diluídas, dando forma a novos rearranjos (referência de análise: ideia de colapso de contexto, de Danah Boyd);
 - Articulação de diversas gramáticas: campanha eleitoral de Jair Bolsonaro para a presidência em 2018, por exemplo, fugiu da política no sentido convencional – como a apresentação de um programa de governo – e passou a trabalhar gramáticas da

- indústria do entretenimento, do futebol, da religião (principalmente evangélica, mas não apenas), das moralidades cotidianas, do antagonismo populista amigo x inimigo;
- “*Hedging* narrativo”: tal como no mercado financeiro, fenômenos “minimizam perdas e maximizam lucros” ao disparar discursos com múltiplos vieses, de forma a cobrir todo o espectro de possibilidades. Junto com a negabilidade plausível – tática comum aos campos militar e corporativo, na qual os enunciados são feitos com uma margem de ambiguidade tal que permite ao próprio autor negá-los no futuro –, inviabiliza-se a responsabilização dos emissores. Exemplo: em seus discursos presidenciais, Jair Bolsonaro nunca se compromete de maneira clara com um projeto específico;
 - Mimese: ainda que busquem “saltar” as instituições, fenômenos pegam emprestados os formatos e as linguagens do sistema de peritos com o objetivo de trazer autoridade para si e, ao mesmo tempo, minar a autoridade das instituições oficiais, em um procedimento de cópia que é típico do ambiente digital. Exemplo: *sites* de *fake news* costumam emular o nome e a diagramação dos *sites* da grande imprensa;
 - “Eupistemologia” (do inglês, *epistemology*): formas de aferição da verdade passam a ser colocadas no plano da responsabilidade individual, desintermediando o sistema de peritos antes centrado na ciência, na universidade, no jornalismo profissional – agora, é o indivíduo que, ao navegar na Internet, define em quem ele confia ou não, o que é verdade ou não.

“Em uma ponta da ferradura, temos a ‘eupistemologia’; na outra, as causalidades invisíveis, que é o modo como as pessoas buscam explicar elos causais que estão muito distantes. Se você não confia mais na imprensa, se não confia na universidade, como vai explicar grandes causalidades como a pandemia de COVID-19? Aí começam a entrar teorias da conspiração, causalidades espirituais. No ecossistema do tratamento precoce como um todo, gramáticas [do movimento] da Nova Era são muito comuns, porque a linguagem da imunidade permite esse jogo entre diferentes dimensões que se retroalimentam. Por exemplo: não pode assistir à Globo, porque a Globo só fala desgraça e sua imunidade vai piorar.” – LETÍCIA CESARINO

“Um laboratório [de pesquisa] na França criou o conceito de infrastructural uncanny a partir do uncanny, do estranho-familiar, de [Sigmund] Freud. [Os pesquisadores observam] esse tipo de fenômeno como a notícia falsa que copia a interface do jornal, o site de pseudociência que copia a forma da revista científica de excelência. Há um elemento de infraestrutura e de tática que eles usam não só para tomar de empréstimo a autoridade da instituição contra a qual eles se colocam, mas também para minar essa autoridade. É um processo paradoxal, mas é exatamente o que a gente vê [Jair] Bolsonaro fazer com a democracia, os médicos do tratamento precoce fazerem com a ciência. Eles não negam frontalmente a ciência nem falam de fora dela, mas sim falam a partir da margem, tentando desestabilizá-la.” – LETÍCIA CESARINO

"Para mim, a questão da desinformação é muito importante porque ela entra nesse lugar da confusão, de a gente ser tão inundado de informação que cognitivamente fica difícil falar. Não sei se vocês já tiveram essa experiência de começar a conversar com pessoas mais ligadas ao bolsonarismo. É como se a gente estivesse em mundos diferentes, se não existisse mais um vocabulário comum para dialogar. Quando eu falo A, a pessoa entende B. Um lugar de profunda dissonância cognitiva, mesmo." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

- "É de direita": Internet platformizada possui um viés que beneficia o tipo de política feito pela extrema-direita (o que não significa uma causalidade linear);
 - Tipo de dinâmica, de temporalidade e de segmentação da Internet platformizada é característico de uma política populista ou, se levada a um extremo, fascista;
 - Ao permitir uma multiplicação de camadas do real, atual infraestrutura de mídia contribui para que a extrema-direita "salte" as instituições, em especial o sistema de pesos e contrapesos próprio da democracia liberal;
 - Nas palavras do ativista Aza Raskin, "liberdade de expressão não é liberdade de alcance": plataformas dão alcance a discursos de extrema-direita, e suas ações de resposta (banir usuários, retirar conteúdos do ar) não se mostram eficazes – perfis banidos adotam estratégias para fugir dos algoritmos ou se reorganizam em novos ecossistemas, como o Telegram;
 - "Carisma da autenticidade": principalmente nos aplicativos de mensagens como o WhatsApp, há um caráter antiestrutural que leva o indivíduo a acreditar estar de posse de informações que a "mídia" e os "poderosos" não querem que ele saiba, criando uma atmosfera propícia para *fake news* e teorias da conspiração;
 - *Crowdsourcing*: em especial no bolsonarismo, os conteúdos e discursos produzidos pelos seguidores nas redes sociais são adotados pelo próprio Jair Bolsonaro, de modo que ele é tão influenciado quanto influenciador;
 - "Aquele susto não vai acontecer mais": ainda que siga em certa desvantagem no uso das plataformas, campo progressista parece ter aprendido com 2018, desenvolvendo formas de comunicação mais eficazes nesses ambientes;
 - Esquerda que tem sabido usar a Internet (exemplo: campanha eleitoral de Guilherme Boulos para a prefeitura de São Paulo em 2020) faz uma política de nicho, e não uma política de massa – algo que o bolsonarismo soube mobilizar em 2018, ao adotar uma estratégia de produção de equivalência entre segmentos tão distintos quanto grupos armamentistas e donas de casa espiritualizadas;
 - Importante ter clareza de que a extrema-direita não inventou as práticas que adota na Internet, mas sim as intensificou, rearranjou e levou a outro patamar.

"Me assusta muito a competência que a extrema-direita tem para usar as redes em comparação com as forças mais democráticas. Talvez seja porque a extrema-direita não

tem qualquer valor ou escrúpulo, então eles se sentem à vontade para fazer o que querem, e as pessoas mais democráticas, mais civilizadas têm valores e escrúpulos. Agora, como é que você entra em um ringue de lama para lutar contra quem está acostumado a lutar na lama?” – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

“Talvez a tecnologia simbolize a cristalização de uma derrota. O que eu quero dizer com isso? Talvez as afinidades das redes sociais, especialmente das redes sociais abertas, com um individualismo e um performativismo sejam a cristalização de que um jeito de fazer política perdeu ali, no próprio formato. Na ideia da batalha perdida contra a desinformação, fico pensando qual é o campo de batalha, se ele já não nos faz perder no caminho.” – FRANCISCO BRITO CRUZ

- “Gramáticas de esperança”: em um momento histórico no qual as pessoas foram rebaixadas a lutar pela sobrevivência dentro de uma temporalidade de crise permanente, há espaço para um tipo de política mais utópico, que organize gramáticas alternativas;
 - “As pessoas não conversam, elas defendem”: gramática da criação de inimigos tem destruído a opinião pública ao inviabilizar a interação entre pessoas com ideias diferentes, o que é essencial para a emergência de opiniões coletivas e compartilhadas.

NOVAS GERAÇÕES, NOVOS USUÁRIOS

- Como as juventudes têm lidado com a Internet?
 - Confiança dos jovens nas suas redes e em influenciadores digitais, hoje referência fundamental na formação de suas identidades e visões de mundo – o que tem impacto profundo na relação das juventudes com os processos educacionais;
 - Novas identidades jovens: diluição das fronteiras entre público e privado impulsionada pela Internet platformizada contribuiu para politizar esferas da vida que antes estavam fora (ou idealmente fora) da política, como a sociabilidade e a subjetividade das pessoas (exemplos: feminismo, liberalismo, novos socialismos);
 - Gerações socializadas na Internet platformizada (portanto, depois de 2008) parecem ser mais céticas e menos ingênuas que os *boomers*, mais propensos a acreditar em tudo que aparece em suas redes.
- Ponto de reflexão: quais novas saídas serão elaboradas para questões estruturais que não só atravessam momentos de profunda crise como afetam diretamente as condições de vida das juventudes?
 - Liberdade de expressão: direito à manifestação tem sido manipulado pela extrema-direita na defesa de ideias antidemocráticas, em um ambiente jurídico marcado pela falta de parâmetros claros para definir o que as pessoas podem falar ou não;

- Jornalismo: radicalmente impactada pelas novas mídias, imprensa desenvolveu papéis que talvez se mostrem transitórios, até por serem pouco eficazes (como mostra o efeito limitado das ações de checagem de fatos nos ecossistemas da direita) – saída pode estar em modelos híbridos que combinem técnicas do jornalismo profissional com o modo de comunicação e a eficácia da Internet;
- Ciência: ao longo do século XX, ciência organizou a produção da verdade para o Estado e o mercado. Agora, as ciências sociais (não tecnológicas) não são mais necessárias, sendo substituídas por outro sistema que produz, organiza e distribui informações sobre o social. Exemplo: novos saberes interdisciplinares do Vale do Silício;
- Educação: diante do crescente uso da Internet para a educação formal e a atualização profissional, é urgente que os letramentos digitais sejam incluídos nos currículos do Ensino Fundamental ou, no mínimo, do Ensino Médio – a partir de uma perspectiva participativa que ouça e incorpore os insumos trazidos pelos jovens, muito mais conhecedores da Internet do que as escolas e os professores;
- Democracia: cenário global (e preocupante) de descrença em relação à democracia representativa – cidadãos se sentem sem qualquer poder de fala ou de influência nas decisões estruturais.

"Entrei [nesse campo de estudos] muito por conta dos meus alunos. Não é à toa que a questão da juventude na relação com a Internet é tão central em vários sentidos. São essas gerações de nativos digitais – pessoas que formaram suas subjetividades, seu senso de identidade, sua visão de mundo dentro dessas mediações – que não só vão sofrer as consequências, mas vão trazer as novas soluções e reorganizações em todos os âmbitos: educação, mercado de trabalho, cultura, ciência, produção de conhecimento." – LETÍCIA CESARINO

"O que eu sinto ao pesquisar escolas é um total desespero de como lidar com a Internet enquanto uma ferramenta educacional. Tenho feito entrevistas com jovens de Ensino Médio, e o que aparece é: 'Esse professor é chato, prefiro procurar na Internet, que eu tenho uma pílula de conhecimento muito melhor e mais objetiva'. Esse aluno está errado? Não necessariamente. E o desencanto dos jovens com o processo formativo [também apareceu]. Em várias pesquisas que tenho feito em favelas de São Paulo, vemos jovens bem formados em um subemprego qualquer. Portanto, a questão da formação e da profissionalização é uma preocupação." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

"Nós estamos em um momento gravíssimo da nossa democracia sendo derruída constantemente, diariamente, por mentiras. Como diz a frase, enquanto a mentira deu a volta ao mundo, a verdade ainda está calçando as meias e os sapatos. E é isso que eles fazem: mentir, mentir, mentir. Fake, fake, fake." – INTERVENÇÃO DO PÚBLICO

"A algoritmização, a automatização cumprem um papel prático que era cumprido em parte pela ciência, em parte pela escola. Mas nunca haverá um processo absoluto de

desintermediação. A escola não vai acabar, a ciência não vai acabar, a própria democracia liberal não vai acabar. Haverá reorganizações, e talvez nós tenhamos de sair da ideia do curto prazo. Quais são as políticas de longo prazo que precisam ser pensadas já, independentemente de quem estará no governo? Porque boa parte dessa crise da esfera pública tem a ver com estarmos segmentando demais a sociedade. Cadê as arenas comuns, onde todo mundo é forçado a conviver? É preciso forçar. Falando como antropóloga, o que a democracia liberal criou é totalmente atípico. O homem é feito para viver em grupos menores, não existe isso de que 'meu grupo social é a humanidade inteira'. Então, precisamos de instituições que forcem as pessoas a estar juntas, e hoje as forças de mercado estão muito na personalização, na segmentação. A Internet é a materialização disso.” – LETÍCIA CESARINO

REFERÊNCIAS & MATERIAIS DE INTERESSE

- “A desinformação como método: Bolsonaro e o novo regime de verdade na pandemia”, artigo de Letícia Cesarino para a revista *Jacobin Brasil* (2021): <https://bit.ly/3Esq9jq>
- Agência Lupa, agência de checagem de fatos: <https://bit.ly/3zfgyZu>
- *(Des)informação e democracia digital*, projeto de estudos do Centro de Análise da Liberdade e do Autoritarismo (LAUT): <https://bit.ly/3AkIBYY>
- ‘Fake news’ as infrastructural uncanny, artigo de Jonathan Gray, Liliana Bounegru e Tommaso Venturini (2020): <https://bit.ly/3CsMziR>
- “Infraestruturas técnicas têm política?”, palestra ministrada por Letícia Cesarino no seminário *Direitas, Fascismos, Bolsonarismo*, organizado pela PUC-Rio (2021): <https://bit.ly/3tUHPN>
- Instituto Vero, organização dedicada a estabelecer um ambiente digital saudável que tem entre seus fundadores o YouTuber Felipe Neto: <https://bit.ly/3lzQK5u>
- *Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo*, publicação da UNESCO (2019): <https://bit.ly/3nNYBz5>
- *Os engenheiros do caos*, livro de Giuliano Da Empoli (2019)
- Redes Cordiais, iniciativa de educação digital e combate a notícias falsas: <https://bit.ly/3zgaSyh>
- *Revisiting plausible deniability*, artigo de Michael Poznansky (2020): <https://bit.ly/3lCwDDS>
- Site da pesquisadora estadunidense Danah Boyd: <https://bit.ly/2VU4M9o>
- *Sobre o político*, livro de Chantal Mouffe (2015)
- *Your Undivided Attention*, podcast de Aza Raskin e Tristan Harris sobre redes sociais e o ambiente digital: <https://bit.ly/3lzDKNk>